

Quintanares

Manuel Bandeira

Gil de Roca Sales

Solene *p marcato*

Soprano
Contralto

Tenor
Baixo

Meu Quin - ta - na! meu Quin - ta - na os teus can - ta - res

são Quin - ta - na - res os teus can - ta - res são Quin - ta - na - res meu Quin -

ta - na os teus can - ta - res não são, Quin - ta - na can - ta - res, Ah! são Quin - ta - na

Meu Quin ta - na os teus can - ta - res não são, Quin - ta - na, can ta res são, Quin ta na,

Quin - ta - na - res São fei - tos es - ses can - ta - res de um tu - do na da: ao fa

Quin - ta (ta) - na - res São fei - tos es - ses can - ta - res de um tu - do

19 la - res, Ah! lu - zem es - tre - las e lu - a - res por - is - so pe - ço, não
na - da: ao fa - la - res lu - zem es - tre - las e lu (lu) - a - res por - is - so

24 pa - res Quin - ta - na nos - teus can - ta - res Ah! per - dão di - go Quin - ta - na - res *DC al*
pe - ço não pa - res Quin - ta - na nos - teus can - ta - res per - dão (dão) di - go Quin - ta (ta) - na - res

30 *pp dim* são Quin - ta - na - res Ah! *Lento*

*Meu Quintana, os teus cantares
Não são, Quintana, cantares:
São, Quintana, quintanares*

*Quinta-essência de cantares...
Insólitos, singulares...
Cantares? Não! Quintanares*

*Quer livres, quer regulares,
Abrem sempre os teu cantares
Como flor de quintanares*

*São cantigas sem esgares,
Onde as lágrimas são mares
De amor, os teus quintanares.*

*São feitos esses cantares
De um tudo-nada: ao falares,
Luzem estrelas e luares*

*São para dizer em bares,
Como em mansões seculares
Quintana, os teus quintanares.*

*Sim, em bares, onde os pares
Se beijam sem que repares
Que são casais exemplares*

*E quer no pudor dos lares,
Quer no horror dos lupanares,
Cheiram sempre os teus cantares*

*Ao ar dos melhores ares
Pois são simples, invulgares,
Quintana, os teus quintanares.*

*Por isso peço não pares,
Quintana, nos teus cantares
Perdão! Digo quintanares*

O termo "Quintanares", hoje adotado por poetas, artistas e escritores de todo o Brasil, é um neologismo para designar os tão singulares poemas de Mario Quintana. Convém não esquecer que foi criado por Cecília Meireles (1910-1964), e solenemente ratificado por Manuel Bandeira, em 1966, na Academia Brasileira de Letras. Posteriormente, o próprio Quintana adotou o termo em seus versos e como título de um de seus livros.